

Sessão de Abertura

Pela Democracia

A democracia é uma casa que temos
que defender

Magnífica Senhora Reitora da Universidade Católica Portuguesa,
Senhor Vereador da Câmara Municipal de Cascais, Dr. Frederico Nunes

Senhora Diretora do Estoril Political Forum, Da Rita Seabra Brito
Senhor Fundador do Instituto de Estudos Políticos, Professor João Carlos Espada

Senhoras e Senhores representantes do Governo e Senhoras e Senhores Embaixadores,

Minhas senhoras e meus senhores,

Ilustres Convidados,

Muito estimados colegas e amigos,

Caros alunos

É um enorme privilégio dar-vos as boas vindas ao Estoril Political Forum 2024.

Excelências, Caras Senhoras e Senhores. Caros Alunos, Caros Amigos

Gostaria de começar esta ocasião muito especial de vos dar as boas-vindas agradecendo ao Professor João Carlos Espada, aqui sentado na primeira fila, fundador destes Encontros de Estudos Políticos, pela sua incrível obra de vida, reunindo cientistas políticos, especialistas, diplomatas e activistas de todo o mundo para discutir as tendências mais relevantes dos estudos políticos e imaginando uma escola para centenas de alunos estudarem Democracia em Portugal. Todos sabemos como ele gosta de tradições, especialmente a tradição da Liberdade. E agora o Estoril Political Forum tornou-se ele próprio uma tradição. Muito obrigado.

Hoje recordamos, neste primeiro dia, a Revolução dos Cravos de há 50 anos, e como ela mudou a vida de todos nós, dissolvendo os muros de um Estado autoritário e abrindo-se a um estado de liberdade e inclusão. Desde então, vimos o país transformar-se e melhorar em todos os domínios da vida social, política e cultural. No entanto, o 25 de abril foi, de facto, um golpe de Estado que mudou o regime, mas a transição para a democracia

demoraria muito mais tempo e revelar-se-ia um processo muito complexo. Apesar de Portugal se ter desenvolvido em tantos aspectos nos últimos 50 anos, nunca podemos dizer que a nossa democracia está 100% consolidada e segura. De facto, as democracias estão sempre em construção e são intrinsecamente dinâmicas. Como disse sabiamente o juiz federal William Hastings, um ativista da democracia, e passo a citar, "a democracia é um processo, não uma condição declarada. Ela está a tornar-se, em vez de ser. Pode ser facilmente perdida, mas nunca é totalmente ganha. A sua essência é a luta eterna".

A evolução portuguesa permitiu a Samuel Huntington confirmar a sua teoria das vagas de democracia, que publicou em 1991, identificando a experiência política portuguesa como o início de uma nova vaga de democratização que se espalhou por todo o mundo e que se propagou pela Europa Central e de Leste após a queda do muro de Berlim.

Seria estranho imaginar que 50 anos mais tarde, aqui e agora, estaríamos a falar de uma onda inversa na Europa e no mundo, como se um im-



Mónica Dias

Directora do IEP-UCP e
Coordenadora da Cimeira
das Democracias

pério autoritário fosse ripostar. Há certamente muitas falhas na presunção de Huntington mas, quer queiramos quer não, hoje devemos perguntar-nos - como ele o fez - se estaremos a assistir a uma vaga de retrocesso democrático em 2024?

O retrocesso democrático é um facto. Quando olhamos para os relatórios da Freedom House ou do National Endowment of Democracy - e permitam-me que aproveite esta oportunidade para dar as boas-vindas a um trio muito especial do National Endowment for Democracy, Carl Gershman, Marc Plattner e Charles Walker, muito obrigado por estarem aqui, o vosso testemunho é muito importante para ser partilhado com os nossos estudantes. Se olharmos para estes relatórios, podemos compreender que os desafios à democracia são reais e agudos. As autocracias pare-

cem tornar-se mais atractivas e espalhar uma rede de novos aliados no chamado Sul Global, mas também na Europa.

No entanto, os maiores desafios parecem vir de dentro. Dentro das nossas democracias estabelecidas. Não só quando as pessoas não pegam em armas contra estas mudanças autoritárias rastejantes que percebem, mas sobretudo quando não participam ou, acima de tudo, já não se importam. Numa época de novas redes sociais e de inteligência artificial, estaremos a abdicar voluntariamente da nossa liberdade e autonomia? Seremos uma espécie de prisioneiros da tecnologia e do controlo, vivendo num novo Panopticon, como Bentham concebeu para os prisioneiros? Onde todos podem ver e ser vistos, mas a liberdade já não se vê em lado nenhum?

Talvez este seja um bom momento para recordar Immanuel Kant, que nasceu há precisamente 300 anos, e o seu *Sapere Aude*. Na tradução moderna, "Atreve-te a pensar por ti próprio", atreve-te a pensar criticamente e a debater. Mas o problema é que existem dois fortes obstáculos à autonomia, tal como Kant identificou no século XVIII: a preguiça e o medo. É por esta razão que a educação é tão valiosa. A educação, a educação política tem um papel muito importante. A literacia política é algo em que temos de insistir. É isto que gostamos de fazer no Instituto de Estudos Políticos. Gostamos de ensinar os nossos alunos a ler, a debater, a pensar, a confrontar as suas ideias com as dos outros, a ouvir outras teorias, a pensar e a analisar, e depois a responder, a levantar-se e a dizer os seus próprios pontos de vista. E, claro, esta é uma literacia política que não é muito fácil de compreender.



Deixem-me dar-vos um exemplo de um autor que pode ser muito interessante para nós, uma citação de Margaret Atwood. Ela diz: a leitura e a escrita, como qualquer outra coisa, melhoram com a prática. E, claro, se não houver jovens leitores e escritores, em breve não haverá mais velhos. A literacia estará morta, e a democracia, que muitos acreditam que anda de mãos dadas com ela, também estará morta".

Penso que estas palavras são muito interessantes e que se aplicam absolutamente ao estado da nossa democracia e à importância de aprender política, de saber que a política é importante e de se entusiasmar com ela, de ter uma palavra, de falar e de sentir que a democracia é, de facto, uma parte que nos pertence. Uma casa que temos de defender.

O papel da educação tem sido sempre sublinhado como sendo absolutamente importante - desde Mary Wollstonecraft, à corajosa Malala, até Martha Nussbaum, muito recentemente. Estou muito, muito feliz por ser professora na Universidade Católica, onde esta educação e a liberdade de educação são uma missão. E isto é, naturalmente, algo que gostamos de transmitir aos nossos alunos. Se olharmos para os números do Instituto de Estudos Políticos, vemos o sucesso que tivemos. Assim, nos últimos mais de 25 anos, formámos cerca de 52 doutorados, mais de 280 estudantes de mestrado e temos 1000 estudantes de licenciatura, que trabalham atualmente nos locais mais prestigiados do país e do estrangeiro. Isto é, naturalmente, a coisa mais bonita como professor, como Diretor e, naturalmente, como alguém que vê como a Universidade Católica está a crescer.

Espero que o Estoril Political Forum 2024 seja mais um momento onde possamos aprender juntos, onde possamos trocar os nossos pontos de vista e falar em defesa da democracia. Por isso, espero que em poucos dias levemos para casa muitas novas experiências, redes,

novos amigos, mas sobretudo novas ideias. Algumas delas agradar-nos-ão, outras não. Mas levá-las-emos connosco e elas tornar-nos-ão mais fortes, e à democracia também.

No final deste discurso de boas-vindas, agradeço especialmente à Dra. Rita Seabra Brito, a Diretora do Estoril Political Forum, que organizou um encontro maravilhoso para professores de todo o mundo, para estudantes de todos os nossos programas que estão aqui hoje. E, claro, a sua equipa fantástica, a Dra. Michelle, a Dra. Cátia, a Dra. Raquel e a Dra. Sofia. E, claro, toda a equipa do IEP que está aqui presente, a maioria dos quais também foram nossos alunos. E estamos muito contentes por este ano eles estarem nas mesas redondas e participarem também.

Por isso, muito obrigado por estarem aqui, por trazerem toda a vossa alegria e curiosidade. Usem-nas bem e falem. Pela Democracia. Muito obrigada. NC